

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CENTENÁRIO DE EDGAR MORIN
8 de julho de 2021

CHRONIQUE D' UN ÉTÉ / 1961

um filme de Jean Rouch e Edgar Morin

Realização: Jean Rouch / **Argumento:** Jean Rouch e Edgar Morin / **Fotografia:** Roger Morillere, Raoul Coutard, Jean-Jacques Tarbes, Michel Brault / **Assistentes:** Claude Beausoleil, Louis Boucher / **Montagem:** Jean Ravel, Nena Baratier, Françoise Colin / **Participaram no Filme:** Marceline, Mary-Lou, Angelo, Jean-Pierre; os operários Jacques, Jean; os estudantes: Regis, Celine, Jean-Marc, Nadine, Landry, Raymond; os empregados: Jacques, Simone; os artistas: Henri, Madi, Catherine; uma cover girl: Sophie; e desconhecidos encontrados em Paris.

Produção: Argos Films (Anatole Dauman e Philippe Lifchitz) / **Director de Produção:** Andre Heinrich / **Cópia:** dcp, preto e branco, legendada eletronicamente em português, 90 minutos / **Exibido em Portugal:** Semana do Cinema Francês, Novembro de 1962.

Grande Prémio da Crítica Internacional no Festival de Cannes de 1961.

Chronique d'Un Été levanta questões, que têm a ver com um novo cinema, na base da experimentação, neste caso como instrumento de pesquisa antropológica e sociológica, para que nos remete os nomes dos seus autores: Jean Rouch e Edgar Morin. **Chronique d'Un Été** aparece num momento em que todo o cinema francês se agita e se transforma e poderia considerar-se como o porta-voz de uma das facetas do *nouveau cinema*: o *cinéma-verité*. A fórmula aparecera seis meses antes da estreia do filme, e Edgar Morin definia-o como sendo um cinema "*qui surmonte l'opposition fondamentale entre le cinéma romanesque et le cinéma documentaire*". Ele e Jean Rouch ter-se-ão posto de acordo pelo menos num ponto: "*qu'il faut faire un film d'une authenticité totale, vrai comme un documentaire, mais ayant le contenu du film romanesque, c'est-à-dire, le contenu de la vie subjective, de l'existence des gens*" (citado por Fereydoun Hoveyda in *Cahiers du Cinema*). Tal opção teria, naturalmente, de despertar polémica, fazendo renascer as divergências sobre a objectividade e subjectividade no cinema, logo os de "materialismo" e "idealismo", extremando-se, como habitualmente, as posições, e de novo confrontando "velhos" rivais: os *Cahiers...* e a *Positif*. Hoveyda, pelos primeiros, põe-se abertamente do lado do filme de Rouch, destacando a autoria deste, mesmo considerando que se trata de uma obra colectiva (*il s'inscrit immédiatement et si bien dans l'itinéraire de Jean Rouch, il participe tellement de l'évolution de son style et de ses idées, que force nous est d'admettre qu'il lui appartient en propre*), e a recusa de uma *mise-en-scène* enganadora, para onde se apontavam então as verdadeiras potencialidades do cinema, com um filme "construindo-se" durante o processo de criação, e expondo os defeitos e erros que

durante ele têm lugar: erros de *raccord*, iluminação, repetições, etc, como Godard, especialmente num dos seus filmes mais radicais, **Les Carabiniers**, de 1963 (assimilação pelo cinema de ideias do *nouveau roman*, como a que Michel Butor defendia ao afirmar a necessidade na literatura de se aprender a "escrever mal"). Hoveyda: *"Onde reside o interesse (darei mesmo, a beleza) desta obra aliás incompleta, imperfeita, descuidada, por vezes decepcionante, mas sempre apaixonante? na própria história da colaboração entre Rouch e Morin que nos traça. O verdadeiro tema aqui não é a evolução de Marceline, Angelo ou Marie-Lou, mas a de Morin e de Rouch cujo entusiasmo e vontade iniciais se quebram contra o muro da vida. E a sequência final, onde os autores avaliam os resultados alcançados, atinge uma grandeza quase sublime. Constatam o fracasso com bastante honestidade, sabendo que esse fracasso vai remeter cada um para a sua solidão."*

Para Roger Dadoun, particularmente severo nas páginas da *Positif*, **Chronique d'Un Été** *"segue o itinerário triste e já banal dos filmes da nouvelle vague: prometem-se, em numerosos artigos, entrevistas e intervenções, montanhas e maravilhas, e apenas se dá à luz um rato"*, o método do filme de Rouch e Morin é daqueles que conduzem às piores falsificações, e dá como exemplo a muito citada discussão da guerra da Argélia, que daria *"uma visão superficial das realidades e uma apreensão sem perspectivas dos problemas"*.

Ora a questão reside exactamente neste ponto, mais do que na eterna discussão do que é o "realismo" e da possibilidade ou não da existência de um "cinema-verdade", mais do que a herança, ou não, do "cinema-olho" de Vertov, e mais do que a selecção do material por Rouch (mais de 20 horas de filme reduzidos a 90 minutos). E por mais que se queira, como Hoveyda afirma (e Rouch sabe) *"a palavra não é a coisa, o cinema não é a vida"*. **Chronique d'Un Été** surge, por isso, como um filme que "escapa" ao projecto inicial, e mais do que *cinéma vérité* aparece (para citar ainda Hoveyda) como uma manifestação de "realismo fantástico", de que um dos melhores momentos será a evocação do passado por Marceline (Trata-se de Marceline Loridan, futura companheira de Joris Ivens, que a descobriu ao ver este filme. A título de curiosidade refira-se que o estudante na mesa redonda que dá pelo nome de Régis é, o futuro autor do ensaio "Revolution dans la Revolution?": Régis Debray) junto de Les Halles. E é por esta faceta que **Chronique d'Un Été** ultrapassa o campo do "filme sociológico" (e neste campo poderá ser tão útil para entender os franceses da época como as páginas da imprensa diária e dos magazines) para surgir como uma manifestação de um cinema perplexo quanto à sua força para captar a "realidade" e a impossibilidade de chegar a esse fim. O debate final de Morin e Rouch é a sua desencantada constatação.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico